

O RITUAL DE APRESENTAÇÃO DOS “PERSONAGENS” NUMA SÉRIE JORNALÍSTICA ESPECIAL

Duílio FABRI JÚNIOR, UFSCar/ Unisal/ UniAnchieta¹

Resumo: Este trabalho, parte de uma pesquisa de doutorado, analisa de que forma jornalistas que participaram da série especial pelos 50 anos da *Rede Globo* foram apresentados no primeiro episódio. A série, com cinco episódios, foi exibida dentro do *Jornal Nacional* e contou com a presença, em estúdio, de 16 jornalistas, a quem coube rememorar os momentos da história da emissora. No primeiro episódio, em análise neste trabalho, o âncora, William Bonner, faz a apresentação de cada um, usando as características físicas, o tempo de trabalho na emissora e o lugar de origem. Assim, partindo da Análise de Discurso, sobretudo dos conceitos de Foucault, temos como objetivo demonstrar o ritual ali estabelecido e as regularidades dessa apresentação, levando em conta a memória sobre ser jornalista e ser pioneiro, bem como a interpelação de questões de gênero e lugares de fala, produzindo sentidos na enunciação.

Palavras-chave: Série de TV; *Rede Globo*; Discurso; Apresentação.

Abstract: This paper, part of a doctoral research, analyzes how journalists who participated in the special series for the 50 years of *Rede Globo* were presented in the introduction of the first episode. The series was exhibited with five episodes, in the *Jornal Nacional* and had the presence of 16 journalists in studio, who had to remember the moments of the history of *Rede Globo*. In the first episode, the anchorman, William Bonner, makes the presentation of each one, using as physical characteristics, time of work at *Globo* and place of origin. Thus, starting from Discourse Analysis, especially from the concepts of Foucault, we are going to demonstrate the ritual established there and the regularities of this presentation, to considering the report about to be a journalist and pioneer, as well as the interpellation of gender issues and speaking position, producing meanings in enunciation.

Keywords: TV series; *Rede Globo*; Discourse; Presentation.

INTRODUÇÃO

Numa narrativa, a apresentação de personagens constitui-se parte essencial para a inserção dos interlocutores na realidade que está sendo criada. É, pois, imprescindível para a verossimilhança e para a criação de interesse para o acompanhamento. Como diz Abreu (2008, p. 107), os “personagens são a alma de uma narrativa” e, por meio deles, são possíveis mecanismos de identificação, empatia e

¹ Doutorando em Linguística pela UFSCar, mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero, jornalista pela PUC-Campinas. Professor e coordenador do curso de Publicidade no Centro Universitário Salesiano (Unisal), campus Dom Bosco. Professor na Escola de Extensão da Unicamp e no Centro Universitário Anchieta (UniAnchieta). E-mail: juniorduilio@uol.com.br.

distanciamento. Neste texto, nosso objetivo é refletir de que forma essa apresentação de personagens, numa série jornalística comemorativa pelos 50 anos da *Rede Globo*, produz efeitos de sentido e de credibilidade para o discurso da emissora. Parte de uma tese de doutorado, este trabalho se ancora na perspectiva da Análise de Discurso, sobretudo a partir da teoria de Michel Foucault.

A série, denominada pela própria emissora como “série especial”, foi exibida entre os dias 20 e 24 de abril de 2015, em cinco partes, cada uma com o objetivo de rememorar uma década. Foi exibida de segunda a sábado, sempre ao final do *Jornal Nacional*. Após a rememoração das cinco décadas (de segunda a sexta-feira), no sábado, os ex-apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, que durante 18 anos conduziram o telejornal, voltaram à bancada, em tom de homenagem.

William Bonner, editor-chefe do telejornal, foi o mediador da série, que reuniu 16 jornalistas que participaram de grandes coberturas e foram pioneiros nessa função na *Rede Globo*. São eles: Renato Machado, Luís Fernando Silva Pinto, Glória Maria, Tino Marcos, Ilze Scamparini, Galvão Bueno, Ernesto Paglia, André Luiz Azevedo, Caco Barcellos, Francisco José, Pedro Bial, Sandra Passarinho, Orlando Moreira, Fátima Bernardes, Heraldo Pereira e Marcelo Canellas. Para o cenário da série, foi utilizada uma espécie de arena, com os jornalistas sentados em círculo e Bonner ao centro, em pé e com trajes informais - sem o terno e gravata com que os telespectadores estão acostumados a vê-lo no telejornal (Figura 1).

Figura 1 – Cenário da série comemorativa



Fonte: captura de tela feita pelo autor².

² Todas as imagens que compõem este capítulo foram capturadas em 18 mar. 2018, em vídeo disponível em: www.memoriaglobo.globo.com.

Do centro da arena, Bonner conduzia os episódios da série, chamando vídeos e reportagens sobre a história da emissora e incitando os jornalistas a comentá-los. Foi dali também que o jornalista tratou de dois temas, enunciados como “polêmicas” pela emissora: a cobertura das Diretas Já, em 1984, e a edição do debate entre Collor e Lula, em 1989 (FABBRI JR, 2015).

MEMÓRIA E RITUAL NO DISCURSO COMPETENTE DO APRESENTADOR

Para começar nossa reflexão, vamos tomar a mediação do projeto, exercida por Willian Bonner. A presença âncora do telejornal desde 1996, como personagem central, mas ao mesmo tempo como narrador, consolida-se como um discurso competente, pelo qual os interlocutores já foram legitimados e reconhecidos como tendo o direito de falar. “O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (estes termos agora se equivalem) porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem” (CHAUÍ, 2011, p. 19).

De acordo com Foucault (2005), os rituais, ou seja, as normas e as regras, definem a posição que um indivíduo deve ocupar em uma mediação, provocação ou respostas e, conseqüentemente, os enunciados que deve produzir e o comportamento esperado para tal. Quem mais poderia representar a voz da *Globo* do que o âncora casado (na época da exibição da série em 2015, Bonner e Fátima Bernardes, *partner* de bancada, eram casados), pai de três filhos, branco, heterossexual, com imagem de trabalhador construída pela mídia, apresentador das “principais notícias” do Brasil e do mundo?

Ainda dentro das proposições foucaultianas, temos a questão do ritual, um dos procedimentos que contribuem para que os sujeitos que proferem os discursos imponham regras, que também possam agir como um limitador de acessos a esses discursos. Vamos tomar o texto que abre a série no *Jornal Nacional*, lido pela editora e apresentadora Renata Vasconcelos³:

Nesta semana, a *Globo* vai completar 50 anos. E a comemoração **aqui no JN** vai ser de um jeito inédito. Para lembrar as coberturas jornalísticas mais marcantes desse período, **nós** vamos provocar aqui a

³ Renata Vasconcelos é jornalista, editora e apresenta o *Jornal Nacional* na mesma bancada de Willian Bonner. Ela assumiu o posto em novembro de 2014, depois de passar por vários outros programas da rede.

memória dos autores daquelas reportagens. Para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da *Globo* em cinco décadas, **nós** reunimos dezesseis repórteres para dividirem experiências, lembranças, informações de bastidores e a emoção que tudo isso junto pode provocar.

Logo na abertura, o telespectador é avisado que se trata de uma comemoração. Pelas marcas dêiticas⁴ (grifadas no trecho), o texto da apresentadora deixa claro de que se trata de uma versão oficial da história. Há uma ênfase sobre isso, quando a apresentadora diz, por exemplo, “aqui, no *JN*”. Por outro lado, embora o trecho se construa no sentido de demonstrar que se trata das “coberturas mais marcantes” e que elas representam profissionais e décadas da história, fica apagada qualquer marca de como isso foi feito, de quais elementos foram inscritos nessa memória e quais passaram sem se inscrever ou foram silenciados. Como diz Pêcheux (2007, p. 51):

Não é de se admirar, nessas condições, que a ideia de uma fragilidade, de uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória tenha sido constantemente presente, sob uma dupla forma-limite que desempenhou o papel de ponto de referência: - o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; - o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido.

Entre o fazer jornalismo, fazer memória e colocar em circulação a história oficial da emissora, o caráter comemorativo é evidenciado por uma subjetividade⁵ e identificação que se busca atingir, pela “emoção que tudo isso junto pode provocar”. Inversamente a essa questão da subjetividade e da emoção, por princípio, o jornalismo propõe-se a trabalhar com a objetividade. Como ressalta Rosen (2000, p. 40), o jornalismo “é o último refúgio da objetividade como epistemologia. Já mais ninguém leva a sério este conceito. Nem mesmo nas ciências naturais, a procura da verdade é vista dessa maneira”. No enunciado de Renata Vasconcellos, é como se a série, ao colocar-se como especial, fizesse uma concessão a esse pilar da forma de enunciar

⁴ Marcas dêiticas são elementos linguísticos que não têm valor referencial próprio, mas remetem à situação em que o texto é produzido, permitindo situar o enunciado em relação a tempo, espaço, sujeito e circunstâncias.

⁵ Subjetividade que aqui se refere não à identificação com o sujeito como categoria ontologicamente invariável, mas a modos de agir, a processos de subjetivação modificáveis e plurais. Nesse sentido é que também Foucault entende a constituição do sujeito antigo como ultrapassagem de si.

jornalística. A comemoração e o espaço do “especial” abrem esse espaço para a “emoção”.

Voltando ao enunciado de apresentação da série pela jornalista, vê-se ainda que “memória” é tomada como uma espécie de lembrança, como se fosse determinada por provocações e por evocações e não por um processo histórico de constituição e formulação de discursos. A lembrança é tida como um ato determinado e pragmático, intencional, e não como um processo em que há uma relação de forças e inscrita num ritual.

A partir de uma “arena de lembranças”, não há como saber quais as estratégias de seus autores e como suas impressões são desenvolvidas, tampouco quem o são, pois o enunciado de abertura diz apenas: “dezesseis repórteres”, compondo uma contradição que encontra acolhimento em “o que já passou mantém sempre um relativo caráter de indecifrável” (PADRÓS, 1991, p. 82). Dessa forma, podemos pensar a memória como aquilo que se impregna das imagens e lembranças que rememoram o passado para o tempo presente, para serem (re)construídos, aquilo que não mais existe.

Logo após a apresentação pela jornalista, as imagens exibidas passam a ser do estúdio onde foi gravada a série. O texto utilizado por Bonner para abrir a série e apresentar os personagens está reproduzido a seguir:

Bonner: É nesse estúdio do Projac⁶, no Rio de Janeiro, montado **especialmente** para este encontro, que nós vamos fazer esse mergulho nos 50 anos de história do Jornalismo. Quem vai nos ajudar, a recontar um dos **momentos mais importantes dessa história**, tá aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas.

(Bonner vai andando pela arena, apresentando os jornalistas, dispostos numa bancada em círculo, com o logotipo da Rede Globo ao centro. A cada apresentação, uma foto antiga do jornalista, entre as décadas de 70 e 80, é projetada em telões dispostos no cenário).

Renato Machado: Essa imagem me lembra, infelizmente, uma década que já está bem distante.

Bonner (ri): Mas você estava muito elegante.

Bonner: De quando é isso, Luis Fernando?

Luis Fernando Silva Pinto: De quando eu devia pesar uns 12 quilos.

(A imagem corta direto para Glória Maria, que é apresentada apenas com crédito, sem fala de Bonner)

Glória Maria: Isso foi quando eu fiz a posse do presidente Jimmy Carter. Era Washington e, se não me engano, o Luis Fernando estava, não?

⁶ É nome dado pela emissora ao complexo onde estão localizados os estúdios, cenários de novelas e programas da *Globo*, no Rio de Janeiro.

Luis Fernando: Não, não... Eu cobri a do Lincoln⁷.

(Todos riem)

Bonner: E temos também Tino Marcos... Olha que franja bonita ali!

Tino Marcos: Que fartura! Que saudade dessa fartura!

Bonner: De Roma, direto para o estúdio do Projac, Ilze Scamparini!

Ilze Scamparini: Obrigada, Bonner.

Bonner: E quem está aqui também é o Gaaalvão Bueno. Rapaz, que cabelo, Galvão, que beleza!

Galvão Bueno: Só sei que faz muito tempo.

Bonner: Paglia, você não mudou nada.

Paglia: Nada.

Bonner: A mesma pessoa.

Paglia: É praticamente a mesma pessoa.

Bonner: André Luiz Azevedo.

André Luiz Azevedo: A gravata eu ainda tenho até hoje.

Bonner: Temos aqui: Caco Barcelos, magro...

Caco Barcelos: E lá atrás uma manifestação, uma periferia como sempre.

Bonner: A nossa voz, a nossa imagem no Nordeste, Francisco José.

Francisco José: Isso foi no início da minha carreira na *Globo* há mais de 35, 37 anos.

Bonner: E agora eu vou pedir, por favor, palmas para Sandra Passarinho. Essa é a nossa pioneira, que nos honra aqui com a presença, para revisar um pouco da história desses 50 anos de jornalismo da *Globo*.

(Aplausos)

Sandra Passarinho: O tempo passou, né?

Bonner: Pedro Bial, olha só, é você, magérrimo ali, hein!

Pedro Bial: Isso aí me parece 85...

Bonner: Esse aqui, senhores... e senhoras é o Orlando Moreira. Pra ele, palmas também. Orlando é um pioneiro, como vocês estão vendo por essa imagem.

Orlando Moreira: Rio de Janeiro, mesma década dos 50 anos da *Globo*.

Bonner: Temos aqui Fátima Bernardes.

Fátima Bernardes: Olha, eu acho que estava a caminho do cabeleireiro, se não me engano *(risos)*.

Bonner: Heraldo Pereira, que elegância...

Heraldo Pereira: Isso é São Paulo. É São Paulo, década de 80.

Bonner: E, aqui, finalmente, o gaúcho de Santa Maria, Marcelo Canelas.

Marcelo Canelas: Aí era bem no começo. Saí do Rio Grande do Sul e fui trabalhar em Ribeirão Preto, fim da década de 80.

(Entra uma vinheta de filmes antigos e a narração em off de Bonner)

Bonner: Vou convidar a todos vocês agora pra ver o primeiro vídeo que a gente tem preparado especialmente para esse encontro aqui.

(Começa vídeo sobre a construção da Rede Globo).

⁷ Trata-se de uma ironia. Abraham Lincoln assumiu a Presidência dos EUA em 04.03.1861.

Antes de pensarmos nas regularidades das apresentações e como isso pode provocar memórias e rememórias, vamos observar o enunciado de apresentação do Bonner sobre o projeto da série. Logo no começo, aparece o advérbio “especialmente”, que retoma a ideia de “série especial”. A ideia de “especial” aparece reforçada, na sequência, por outros termos como “momentos mais importantes dessa história”.

Podemos pensar na apresentação dos autores das reportagens, os jornalistas presentes no estúdio, como testemunhas que vão auxiliar o âncora a recontar/reconstruir os fatos selecionados como principais para/no jornalismo da *Rede Globo*. Há um jogo nesse processo de seleção: os fatos são considerados como “os mais importantes”, como se essa característica fosse inerente a eles, como se fossem transparentes, quando, na verdade, há uma seleção e um apagamento entre fatos da história. Durante toda a série, o que se vê é um confronto na constituição da narrativa, entre os “fatos *da* história” e aquilo que poderia ser compreendido como “fatos *na* história (contada/reconstruída)” da *Rede Globo*.

Para essa reconstrução de memória se dar, é necessário considerar que o testemunho pode ser entendido como um ponto de inflexão entre o que é memória e o que é história. De fato, uma das peculiaridades da história do tempo presente é, justamente, a possibilidade de o conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram a época que se está a analisar (FICO, 2012, p. 45).

Para Ricoeur, no ato de testemunhar, existe uma fala que pede crédito:

Existe uma estrutura básica nos depoimentos que trilha um processo epistemológico a partir da memória declarativa, passando pelo arquivamento e culminando com a produção de prova documental. Sua estrutura fundamental é uma fala que relata algo visto e pede crédito: “Eu estava lá; acredite em mim ou não, acrescenta ele; e se não acredita em mim, pergunte a outrem”. (RICOEUR, 2004, p. 737)

O mesmo autor, em outra obra (RICOEUR, 2014), afirma que o testemunho tem um sentido quase-empírico, ou seja, indica o relato de algum acontecimento que foi visto ou escutado por alguém. Dessa forma, o depoimento já é relatado em outras dimensões com um encadeamento de acontecimentos, que transfere o visto para o dito. O testemunho também implica sempre numa relação dual: há aquele que testemunha e aquele que recebe o testemunho. Apenas pelo contato com o relato, o interlocutor irá acreditar ou não naquilo que lhe chega sobre fatos. Para Ricoeur (2004), o relato

testemunhal serviria como um instrumento a serviço de um julgamento, de um juízo. Ele valora os motivos de uma ação, o caráter de uma pessoa. Em suma, atribui um sentido aos eventos.

Entretanto, não podemos pensar numa articulação ingênua para empregar apenas o uso do testemunho numa operação que envolva a construção de memória e rememória, pois, ainda assim, poderiam se levantar suspeitas sobre a veracidade de fatos. Ao colocá-los todos juntos, num mesmo espaço, de arena, como no cenário, tem-se a imagem de uma possível contestação, de onde abre-se caminho para o debate público de ideias. A testemunha ganhará confiança do telespectador quando for capaz de manter, ao longo do tempo, sua versão sem contradições. Essa é a lógica imputada pelo ritual, como conjunto de procedimentos para o dizer.

Ainda neste ritual de apresentação, é possível perceber algumas regularidades que evocam lembranças e memórias:

A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador (...). É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. De outro modo, é engendrando, a partir do atestado discursivo, paráfrases, a considerar como derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries (ACHARD, 2007, p. 16).

Essa forma de repetição permite listar uma série de marcas do discurso e, assim, perceber mais facilmente suas regularidades. O enunciado se apresenta em seu “modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material)” (FOUCAULT, 1999, p. 98). Dessa forma, podemos colocá-lo na teia da história, que o constitui e, ao mesmo tempo, determina-o. Nessa direção, o autor diz ainda que “tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 1999, p. 112), com o que faz estar sempre atravessado por uma memória que estabelece relações possíveis entre um acontecimento do passado numa nova perspectiva de futuro, mas longe de uma homogeneidade e estabilidade.

REGULARIDADES: ENUNCIADOS DE APRESENTAÇÃO

A apresentação dos personagens/jornalistas pode ser estruturada, para efeitos de análise, em cinco grupos, a partir do tópico central utilizado por Bonner. No primeiro, são as referências ao corpo, roupa e postura, que trazem as menções ao passado e à lembrança. É o que ocorre com Luís Fernando Silva Pinto (“eu devia pesar uns 12 quilos”), Tino Marcos (“olha que franja bonita ali”), Fátima Bernardes (“eu acho que estava a caminho do cabeleireiro”), Ernesto Paglia (“você não mudou nada”), Galvão Bueno (“rapaz, que cabelo, Galvão, que beleza”), Renato Machado (“estava muito elegante”), André Luiz Azevedo (“a gravata ainda tenho até hoje”) e Caco Barcellos (“magro”). As falas de Bonner são sempre tomadas a partir da aparição de uma imagem do jornalista no passado, em oposição à atual, como no exemplo mostrado na Figura 2:

Figura 2 – Apresentação de Luis Fernando Silva Pinto



A partir desse recorte da apresentação dos jornalistas e da materialidade imagética, uma vez que as imagens mostradas no telão do cenário servem para as comparações, podemos pensar numa discussão do corpo discursivizado.

Nessa vertente, acreditamos, com Foucault (1999), que o corpo é um objeto de saber e “superfície de inscrição dos acontecimentos”, de articulação com a história e com a memória, uma vez que ele está constitutivamente ligado às relações de poder. Como Foucault (1999) afirmou em *Vigiar e Punir*, o poder opera sobre o corpo, investe-o, marca-o, obriga-o e dele exige signos específicos. Já Bernardes e Sargentini (2017) afirmam que essa relação política com o corpo traz relações históricas:

O corpo do homem político tem sua importância como suporte desde a Antiguidade. (...) Em todos os tempos, importa que o homem político saiba ser amado e, para tal, ele deve exercer a contenção do corpo físico, para que essa contenção se estenda ao corpo social. Entretanto, no final dos anos 70, as técnicas de vigilância do corpo do homem

político se intensificaram e se especificaram. O controle dos gestos, a bemolização da voz, a polidez na fala são mudanças exigidas no processo de docilização do homem político e do fazer político. (BERNARDES; SARGENTINI, 2017, p. 99-100)

Ao evocar a memória sobre o tempo em que estamos, podemos pensar as memórias como um ato de resistência, que nos liga uns aos outros pelas memórias de si e do outro. Nas imagens exibidas pela produção da série, reaparecem os repórteres citados, porque elas também estão engendradas em nossos anseios, ansiedades e no momento presente. Se considerarmos as relações entre as imagens apresentadas, trazidas pela força da memória histórica e pessoal, estamos colocando-as em uma teia de memória que foge ao acaso e a simples inquietação individual, como nos alerta Halbwachs (2004, p. 30).

Na tentativa de reconstituir o fato mostrado nos telões, com jornalistas, magros, com cabelos longos ou cheios, colocar-nos-emos diante do outro, lugar determinado socio-historicamente, que irremediavelmente nos é constitutivo. Acrescentem-se a isso as regularidades entre as memórias e perceberemos que o novo não está naquilo que é dito, mas no retorno à memória, como reformulação.

De certa forma, há uma recusa de cada um desses jornalistas em ver, reconhecer, aceitar ‘o passado’, num esforço quase inexato de uma memória flagrada, mas contestável e, assim, essa posição se funde e desliza para a memória sobre o fato histórico, sobre o País. Além disso, sempre há o olhar vigilante do Bonner (em todos os fotogramas, ele está atrás ou ao lado do jornalista que se reconhece), que avalia como o outro era, como o outro se vê, o que também desliza para a memória do País. Ele coloca-se sempre vigilante e autorizado pela *Globo*, para que as falas estejam de acordo ao clima proposto, o de quase uma brincadeira, não deslizando para outros assuntos. A imagem de Bonner, de “autoridade”, mais do que condutor das discussões, busca identificação com a sociedade. O discurso da juventude e a desqualificação do que é antigo e está envelhecido auxiliam a criá-la. É como olhar um álbum de família, notar as roupas, o corpo, o cabelo, a moda, os lugares.

Em todas as apresentações em que o corpo esteve presente no enunciado, quer seja do Bonner, ou do jornalista apresentado, trata-se de homens, com exceção de

Fátima Bernardes⁸, que, à época, era esposa de Bonner e faz uma brincadeira com o cabelo. O que está em jogo aí é um confronto entre lugar de fala, relação entre gêneros, (des)autorizações e corpo como discurso.

Recuperar um conjunto de saberes, em um discurso pré-construído sobre jornalismo de televisão, em que a imagem exerce um efeito sedutor sob o telespectador, permite-nos observar como se configura discursivamente a heterogeneidade de sentidos, mais do que isto, o atravessamento de um e de outro discurso que correspondem a uma posição-sujeito. Emprestamos aqui as definições de dois autores: Pêcheux (2010) define posição-sujeito como a relação de identificação que se dá entre o sujeito que enuncia e o sujeito do saber, que é a forma-sujeito. Courtine (2009), que dá continuidade ao pensamento acerca do assunto, afirma que, considerando-se o conceito de formação discursiva heterogênea, a noção deve ser vista como a “descrição de um conjunto de diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação com o sujeito do saber, considerando os efeitos discursivos específicos que aí se relacionam” (p. 252).

Nesse caso, os sentidos que emanam do discurso de mulher jornalista na televisão, que, pelo pré-construído, deve ser magra, de cabelos lisos, maquiada e com roupas discretas e elegantes, são capazes de instaurar um efeito fundador da posição-sujeito em que o discurso (machista) se inscreve e evidencia as “regras” do que se pode e se deve falar sobre ser mulher.

O segundo grupo de enunciados de apresentação que identificamos diz respeito à inclusão de dois personagens no pioneirismo na construção da emissora. É o que ocorre com Sandra Passarinho (“nossa pioneira”) e Orlando Moreira (“um pioneiro”). Aos dois, são solicitadas palmas por Bonner.

Ao colocar os dois colegas jornalistas na categoria de pioneiros, existem algumas tentativas de apagar diferenças, desigualdades e questões sociais como gênero, que marcaram a história da televisão. De uma certa forma, há uma escolha deliberada do diretor do projeto, no caso, o próprio Bonner, de quem será considerado pioneiro. Essa escolha é parte do discurso legitimador e dominante, a fim de reconstruir o passado

⁸ Willian Bonner e Fátima Bernardes estiveram casados até 29/09/2016.

segundo um olhar de classe. Assim, firma-se a estratégia de selecionar alguns nomes e sobrenomes para fazerem parte do rol que deu forma ao jornalismo de TV no Brasil.

Podemos ainda refletir sobre essa categoria “pioneiros/as”, sempre vaga e pouco referenciada, principalmente no que tange à figura feminina, representada no nosso recorte pela jornalista Sandra Passarinho. Historicamente e pelo pré-construído, a mulher não se associa à imagem de bravura que a empreitada pioneira demandaria para ser, por exemplo, correspondente internacional e repórter especial, funções que a referida jornalista desempenhou, ainda nos anos 1970.

O terceiro grupo de regularidades para apresentação dos personagens diz respeito às menções aos lugares de origem dos jornalistas, o que retoma o imaginário do *Jornal Nacional* como discurso de unidade e integração nacional, com o qual foi originário, no final dos anos 1960. Na utilização dos lugares de origem para a apresentação dos personagens, estão Francisco José (“a nossa voz, a nossa imagem no Nordeste”), Ilze Scamparini (“de Roma, direto para o estudo do Projac”), Heraldo Pereira (“isso é São Paulo) e Marcelo Canelas (“o gaúcho de Santa Maria”).

Na fala do âncora que, além de se dirigir ao jornalista apresentado, fala também com o telespectador, temos que considerar que o texto tem um funcionamento discursivo, que não só produz sentidos, mas produz processos identificatórios, como nesse recorte, no qual os jornalistas são identificados pelos seus lugares de origem. A série televisiva se sobrepõe como um importante dispositivo discursivo que cria uma história do presente, tensionando memória e esquecimento.

O quarto grupo de tópicos de apresentação diz respeito à menção ao tempo de trabalho na emissora ou às datas das imagens que, concomitantemente à apresentação, iam sendo apresentadas. Apesar que recorrente na maioria, o que auxilia a dar o efeito de credibilidade para comemorar e rememorar fatos, Glória Maria é a única apresentada apenas numa relação com o tempo (“quando fiz a posse de Jimmy Carter”). A jornalista é apresentada, no entanto, sem que a emissora opte pelo pioneirismo e pelo fato de ser negra e fazer parte da história da emissora desde os anos 1970. A questão racial não é tocada, mas a presença da jornalista e a menção ao tempo ajudam a produzir o efeito de inclusão.

Apenas em um dos casos, o que nos faz colocá-lo aqui noutro grupo, há a presença de uma marca de estilo do repórter na sua apresentação. Na apresentação de

Caco Barcellos, ele aparece associado à imagem de uma periferia, a que ele faz questão de reforçar (“como sempre”). É o único caso em que, na apresentação, faz-se uma referência a uma perspectiva de trabalho e atuação. Caco, por outro lado, como já dissemos, também foi apresentado por meio de uma menção ao corpo. Vale lembrar ainda que, a menção ao estilo, não vem de Bonner, mas da intervenção do jornalista.

A apresentação dos personagens, no sentido que Ihe confere Abreu (2008), citado no início deste trabalho, ao produzir esses cinco agrupamentos, retoma a ideia de diversidade, integração nacional e credibilidade. O projeto da série produz, então, uma narrativa, visível desde esse momento de apresentação, que confere aos episódios status de veracidade, como algo que ocorreu “de fato” no passado, tomado como objeto de que se pode falar e quem são as pessoas autorizadas a falarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, nos exemplos analisados, as posições de Bonner e do apresentado se imbricando numa mesma sequência discursiva, sendo o lugar de jornalista constantemente afetado pelas interpelações ideológicas, que oscilam entre origem, tempo de trabalho na emissora, pioneirismo, estilo de atuação e relações com o corpo.

A posição-sujeito de aderência ao discurso do cotidiano se entrecruza tanto com a de aderência quanto pelo viés da categoria do lugar discursivo de jornalista como testemunha. Por isso, os limites entre as diferentes posições quase não são percebidos. A oscilação é constante.

Nesses momentos, Bonner “apaga” o dizer desse outro e enuncia como se tivesse domínio sobre suas falas, como se esse dizer tivesse nele. É desse movimento que resulta um efeito de apropriação. Ele recorta dizeres da ordem da memória e da história ou da ordem do senso comum e os inscreve, pela reformulação, no discurso de rememoração. Mas, ao inscrever esses dizeres no fio do discurso, o faz numa outra situação enunciativa. Por isso, produz um gesto de interpretação, podendo, assim, também produzir comentários e (re)significar dizeres.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. Os personagens. In: _____. **O design da escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 107-114.
- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: _____ et al. **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007, p. 11-17.
- BERNARDES, E. S.; SARGENTINI, V. O corpo no arquivo jurídico: uma análise discursiva sobre a prostituta. **Moara**, v. 1, p. 213-232, 2017.
- CHAUÍ, M. O discurso competente. In: _____. **Cultura e democracia** – o discurso competente e outras falas. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 15-25.
- _____. **Análise do Discurso**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- FABBRI JÚNIOR, D. O dito e o não dito: um suposto pedido de desculpas pela Rede Globo. V Encontro Internacional de Ciências da Linguagem (Enelin), 2015. **Anais...** Pouso Alegre: Univás, 2015. v. 1. p. 186-193
- FOUCAULT, F. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **A ordem do discurso**. Tradução de L. F. de Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 28, n. 47, pp. 43- 59, jan/jun 2012.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- PADRÓS, E. S. Usos da memória e do esquecimento na História. **Letras**, Santa Maria, n. 22, p. 79-95, jan./jun. 1991.
- _____. **O poder da memória**. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. **Semântica e discurso**: uma crítica à reafirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. **A história, a memória, o esquecimento**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.